



Artículo Original | Original Article

Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II – Bahia, Brasil

[Medicinal plants use in Barra II *quilombola* community – Bahia, Brazil]

Nina Claudia BARBOZA DA SILVA¹, Ana Carolina DELFINO REGIS², Maria Aparecida ESQUIBEL³, Jaci do ESPÍRITO SANTO SANTOS⁴ & Mara Zélia de ALMEIDA⁵

¹*Departamento de Produtos Naturais e Alimentos, Faculdade de Farmácia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ilha do Fundão, 21900-000 Rio de Janeiro-RJ, Brazil.*

²*Programa de Pós Graduação em Biotecnologia Vegetal, Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brazil.*

³*Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ilha do Fundão, 21900-000 Rio de Janeiro, Brazil.*

⁴*Associação Comunitária da Barra II, 44859-000 Morro do Chapéu, Bahia, Brazil.*

⁵*Programa Farmácia da Terra, Faculdade de Farmácia, Universidade Federal da Bahia, Av Barão de Jeremoabo s/n, 40170-240 Salvador-Bahia, Brazil,*

Contactos / Contacts: Nina Claudia BARBOZA DA SILVA E-mail address: ninacbs@ufrj.br

Abstract

Brazil has more than 3.000 quilombolas communities but just a few ethnobotanical studies have been conducted with these groups which means that we have little knowledge about their way of life and relationship with flora around them, specially medicinal plants. The aim of this study was to conduct an ethnobotanical survey with members of Barra II quilombola community. Data was collected through semistructured interviews, direct observation and walk in the woods. Most informants (91%) indicated to prefer plants over synthetic drugs in primary health care. It were cited 148 species, belonging to 52 botanical families, *Asteraceae* and *Lamiaceae* being the most representatives. The most commonly used plant part is leaf (45%). Preparation method most frequently is decoction (45%). Most commonly form of use are tea (44%) and bath (11%). Plants are mainly used to treat diseases of the digestive (36.5%) and respiratory (32.4%) systems. Species with higher MUA were *C. citratus* (81,3), *R. graveolens* (50,0) and *S. hilariana* (50,0). The high use of baths may be related to African traditions. A rich diversity of medicinal plant species are used for treating different diseases in Barra II. These species belong to several botanical families, some of these families abundant in the region.

Keywords: medicinal plants; Chapada Diamantina; quilombolas; Ethnobotany, maroon community

Resumen

Brasil tiene más de 3.000 comunidades quilombolas, pero sólo unos pocos estudios etnobotánicos se han realizado con estos grupos, lo que significa que tenemos poco conocimiento acerca de su forma de vida y relación con flora alrededor de ellas, especialmente las plantas medicinales. El objetivo de este estudio fue realizar un estudio Etnobotánico con miembros de la comunidad quilombolas de Barra II. Datos se obtuvo através de entrevistas semiestructuradas, observación directa y caminar en el bosque. La mayoría informantes (91%) indican preferir plantas a drogas sintéticas en la atención primaria de salud. Fueron citadas 148 especies, pertenecientes a 52 familias botánicas, *Asteraceae* y *Lamiaceae*, siendo la mayoría de los representantes. La parte de la planta más utilizados es hoja (45%). Métodos de preparación más frecuentemente es decocción (45%). Comúnmente la forma de uso son té (44%) y baño (11%). Las plantas se utilizan principalmente para tratar enfermedades de los sistemas (32,4%) respiratorio y digestivo (36,5%). Las especies con mayor MUA fueron *C. citratus* (81,3), *R. graveolens* (50,0) y *S. hilariana* (50,0). El alto uso de baños puede estar relacionado con las tradiciones africanas. Se utilizan una rica diversidad de especies de plantas medicinales para el tratamiento de diversas enfermedades en Barra II. Estas especies pertenecen a varias familias botánicas, algunas de estas familias abundantes en la región.

Palabras Claves: Plantas medicinales; Chapada Diamantina; Quilombolas; Etnobotánica.

Recibido | Received: 20 de Febrero de 2012.

Aceptado en versión corregida | Accepted in revised form: 16 de Abril de 2012.

Publicado en línea | Published online: 30 de Septiembre de 2012.

Declaración de intereses | Declaration of interests: Ao CNPq pelo suporte financeiro.

Este artículo puede ser citado como / This article must be cited as: Nina Claudia Barboza Da Silva; Ana Carolina Delfino Regis, Maria Aparecida Esquibel, Jaci do Espírito Santo Santos, Mara Zélia de Almeida. 2012. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II– Bahia, Brasil. *Bol Latinoam Caribe Plant Med Aromat* 11(5): 435 –453.

INTRODUÇÃO

Planta medicinal é o nome dado às espécies vegetais utilizadas com propósitos terapêuticos, sejam elas cultivadas ou não (WHO, 2003). Podem ser consideradas ainda como plantas medicinais aquelas espécies que têm uma história de uso tradicional como agente terapêutico (Brasil, 2006a). A relação do homem com estas plantas está entrelaçada há muitos séculos e, desde épocas mais remotas, vem sendo difundida e transformada a partir dos movimentos migratórios e de exploração dos povos de diferentes regiões do mundo.

A colonização das Américas estabeleceu uma via de mão dupla na troca de informações acerca das plantas para fins medicinais: muitas espécies utilizadas pelos povos nativos das colônias passaram a ser utilizadas também pelos europeus bem como várias espécies foram introduzidas no novo mundo, trazendo consigo a orientação secular do seu uso como medicinal. Durante todo o período escravista, Brasil e África estiveram em contanto constante através do oceano: os cativos que chegavam traziam notícias e plantas de suas nações, e os marinheiros, os mercadores e os ex-escravos, no retorno, levavam as novas do Brasil e dos africanos que aqui viviam (Costa e Silva, 1994). O conhecimento dos curandeiros indígenas assim como as rezas, benzeduras e ervas da senzala influenciaram os médicos europeus que passaram a receitar a goma do cajueiro em vez da arábica, o uso do quinino e da ipecacuanha (Freyre, 2003). Os africanos, juntamente com os índios e europeus, foram responsáveis pela formação da base do conhecimento cultural e biológico acerca das plantas úteis no Brasil. Os escravos desempenharam dois papéis neste processo histórico, transplantado um sistema de classificação botânica africano e introduzindo plantas nativas brasileiras em sua própria cultura através de seus efeitos medicinais simbólicos (Almeida, 2011).

Os escravos negros no Brasil eram oriundos de diversas regiões da África. A insatisfação e indignação para com as condições as quais eram submetidos aqui levaram a criação de sítios geográficos onde se agrupavam povos negros rebelados contra o sistema escravista da época e viviam em liberdade, recriando, de alguma forma, o imaginário africano. Estas comunidades eram chamadas de quilombos, mocambos, coitos, palmares, terra de pretos, etc. Atualmente consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais,

segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Brasil, 2003). O número de comunidades quilombolas identificadas pela Fundação Cultural Palmares é cerca de 3.524 (SEPPPIR, 2011).

Apesar do elevado número de comunidades quilombolas, poucos estudos etnobotânicos tem sido realizados no Brasil (Schardong e Cervi, 2000; Rodrigues e Carlini, 2003; Rodrigues e Carlini, 2006; Pinheiro e Monteles, 2007; Rodrigues, 2007; Barroso *et al.*, 2010; Negri e Rodrigues, 2010; Crepaldi e Peixoto, 2010; Oliveira *et al.*, 2011; Martins *et al.*, 2012). O entendimento das relações existentes entre as comunidades quilombolas e os recursos genéticos vegetais ao seu redor é de suma importância para o estabelecimento de políticas públicas voltadas para estes grupos. O conhecimento das plantas utilizadas nos processos de cura pode fornecer informações relevantes para a determinação do perfil epidemiológico da comunidade e assim direcionar a oferta de serviços de saúde pelo governo, de acordo com as demandas locais.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que cerca de 80% da população de países em desenvolvimento fazem uso de algum tipo de medicina tradicional para cuidados básicos de saúde, e 85% destes envolvem plantas medicinais (Neves, 2001). Atento a este dado, o governo brasileiro criou nos últimos anos políticas públicas objetivando a inclusão das plantas medicinais e fitoterápicos como opções terapêuticas no serviço público de saúde. A Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (Brasil 2006a) e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (Brasil, 2006b), constituem parte essencial das políticas públicas de saúde, meio ambiente, desenvolvimento econômico e social, como elementos fundamentais de transversalidade na implementação de ações capazes de promover melhorias na qualidade de vida da população brasileira. Permeando os pressupostos e diretrizes de ambas políticas públicas está a idéia de que a promoção e manutenção da saúde deve ser realizada tendo em consideração as particularidades culturais nas quais os sujeitos estão inseridos, respeito e valorizando as práticas tradicionais e populares de uso de plantas medicinais, fitoterápicos e remédios caseiros, como elementos para a promoção da saúde, conforme preconiza a OMS.

Diante a importância da relação estabelecida pelas comunidades quilombolas com a medicina popular brasileira, este trabalho teve por objetivo realizar um levantamento sobre o uso de plantas medicinais na comunidade da Barra II, contribuindo para o resgate e valorização das práticas terapêuticas tradicionais e ainda para a geração de informações

úteis ao planejamento de ações relacionadas à oferta específica de serviço de saúde.

MATERIAL E MÉTODOS

Caracterização da área de estudo

A comunidade quilombola da Barra II está situada cerca de 13 km do Município de Morro do Chapéu e 330 km de Salvador (Bahia). (Figura 1).



Figura 1
Localização da área de estudo.

Morro do Chapéu ocupa a porção setentrional da região da Chapada Diamantina, entre as coordenadas 10°40'-11°50'S e 40°50'- 41°20'W. O relevo é caracterizado por formas tabulares, dispostas em patamares, que se elevam de 480 a 1.200 m de altitudes. Predomina o tipo climático Cwb (Köppen, 1948), tropical de altitude de verão brando, com temperatura média entre 18°C e 22°C e precipitação média anual em torno de 800 mm (Rocha e Costa 1995). Apresenta várias formações vegetacionais como caatinga (predominante), campo rupestre, mata, "tabuleiro", vegetação de dunas interiores e áreas de transições.

A Barra II tem sua formação a partir de famílias de escravos fugidos que realizaram casamentos consanguíneos por muitas gerações. É formada por 27 famílias que vivem em casas de pau-a-pique recobertas por emboço, sem esgotamento sanitário e água encanada. A energia elétrica foi instalada em janeiro de 2005. Uma característica marcante é a presença de quintais em todas as casas onde pode-se observar a ocorrência de espécies frutíferas, alimentares, condimentares e também medicinais. A maioria dos moradores trabalha em roças que ficam localizadas nos arredores da comunidade, vivendo da agricultura de subsistência e comercializando o excedente da produção na feira livre de Morro do Chapéu. Na roça, as principais culturas são o café, o feijão, a mandioca, o tomate, a cebola e o marmelo. Em dezembro de 2006 a comunidade recebeu a certidão de autodefinição como remanescente de quilombo.

Coleta e análise dos dados

Para obter perfil completo da relação da comunidade da Barra II com o uso de plantas medicinais, numa amostra estratificada (Albuquerque *et al.*, 2008) entrevistou-se uma pessoa de cada casa existente na comunidade. Os informantes em cada casa foram selecionados pelo papel desempenhado, dando-se preferência às pessoas que assumiam a função de cuidadoras da família, zelando pela saúde dos membros familiares, independente da idade ou gênero. O levantamento foi realizado com todas as famílias da Barra II, totalizando 27 entrevistas.

Para coleta dos dados etnofarmacológicos, foram realizadas observação direta (não participante) e entrevistas semi-estruturadas e estruturas com aplicação de um formulário contendo perguntas sobre

os dados pessoais do entrevistado (idade, grau de escolaridade, tempo de residência e ascendência) e sobre o conhecimento e uso de plantas medicinais (plantas utilizadas, doses, modo de preparo, indicações terapêuticas, preferência pelo uso em relação a outros tratamentos).

Além disto, foi utilizado o método de "trilha livre" (Albuquerque *et al.*, 2008) onde os membros da comunidade guiaram os pesquisadores num caminho por eles estabelecido mostrando as plantas para fins medicinais por eles utilizadas.

A coleta do material botânico ocorreu durante a realização da trilha livre e durante as entrevistas, quando as plantas encontravam-se no próprio quintal ou residência dos informantes. As amostras, em triplicata, foram prensadas em campo, levadas para secagem em estufa e posteriormente depositadas no Herbário RADAMBRASIL (HRD) e Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB). A identificação dos espécimes coletados foi realizada por taxonomistas de ambos herbários a partir da consulta em bibliografia especializada, através de chaves de identificação e ainda por comparações morfológicas com exsiccatas identificadas e por consultas a especialistas.

As indicações terapêuticas das plantas medicinais citadas foram agrupadas de acordo com o sistema biomédico convencional seguindo a "Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde" (CID) adotada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (WHO, 2007), sempre buscando respeitar as informações dos entrevistados e minimizar possíveis distorções. Neste momento contou-se com a colaboração de um médico que atende a comunidade para que as indicações terapêuticas populares fossem corretamente correlacionadas com a CID.

Para analisar a concordância entre as respostas dos informantes sobre o uso medicinal das plantas visando identificar as espécies mais representativas para os entrevistados, o fator de Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc) foi calculado para as plantas medicinais citadas por três ou mais informantes (Amorozo e Gély, 1988):

Todo o resultado da pesquisa foi disponibilizado para a comunidade da Barra II, conforme recomendação contida na Medida Provisória 2.186-16, de 23 de agosto de 2001 (Brasil, 2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na comunidade quilombola da Barra II a flora constitui um arsenal terapêutico de enorme valor, pois as plantas vêm sendo utilizadas como fontes de medicamento há várias décadas sendo empregadas em preparações tradicionais de cura através de chás, banhos, sucos e xaropes. No quilombo não existe um posto de saúde e é grande a distância a ser percorrida até a unidade de saúde mais próxima, em Morro do Chapéu. A energia elétrica só chegou à comunidade em 2005. Estes fatores podem ter contribuído para que o conhecimento sobre as plantas se perpetuasse e se mantivesse importante, sendo pouco influenciado por informações externas à comunidade provenientes de mídias como a televisão.

As mulheres representam a maioria dos informantes (75%) o que demonstra o papel destas como responsáveis pelos cuidados com a saúde e o bem estar familiar. De fato os cuidados primários com a saúde utilizando plantas medicinais são delegados às mulheres em outras comunidades (El-Hilaly, 2003; Howard, 2003; Edwards, 2005; Camou-Guerrero *et al.*, 2008; Bruschi *et al.*, 2011; York *et al.*, 2011; Cakilcioglua *et al.*, 2011; Amri e Kisangau, 2012). Este elevado percentual de mulheres está relacionado, em geral, com a facilidade de obtenção das plantas medicinais, geralmente encontradas nos quintais e arredores das casas o que corresponde a 79,7% das plantas citadas. Quando as plantas utilizadas são espécies encontradas na mata ou em locais distantes (20,3%) os homens da família são geralmente os escolhidos para sua coleta.

O uso de plantas com fins medicinais é a primeira opção para assistência primária à saúde de 91% dos entrevistados. Esta preferência pelo uso de plantas não é exclusividade da Barra II como pode ser observado nos estudos de El-Hilaly (2003), Pinheiro e Monteles (2007) e Nadembega *et al.* (2011). Esta preferência pelo uso de plantas na atenção primária tem forte relação com as questões culturais (York *et al.*, 2011) uma vez, que dentro dos sistemas de cura tradicional, o cheiro, o sabor e até a consistência das plantas são elementos importantes que conferem confiabilidade àquela preparação, contrastando com os comprimidos e cápsulas, muitas vezes inodoras e insípidas o que pode constituir a razão para a rejeição dos medicamentos industrializados. Além disto, a necessidade do armazenamento adequado e de administração de doses em horários fixos pode dificultar também o uso dos medicamentos "modernos" uma vez que o acondicionamento de ervas

e o crescimento das mesmas nas proximidades são facilmente entendidos pela população (Waller, 1993).

A faixa etária dos entrevistados variou entre 20 e 87 anos sendo 64% adultos (20-44 anos), 25% idosos (mais de 60 anos) e 7% estão na meia-idade (45-59 anos). Ao relacionar a idade dos entrevistados com o número de plantas citadas observa-se que os idosos são os que detêm maior conhecimento sobre as plantas medicinais, citando, em média, 34 espécies. Em seguida vêm aquelas de meia idade com média de citação de 31,5 espécies e por último os adultos, citando em média 13,5 espécies. Vários trabalhos em etnobotânica apresentam esta mesma correlação positiva entre idade e acúmulo de conhecimento sobre plantas (Voeks e Leony, 2004; Edwards, 2005; Estomba *et al.*, 2006; Bruschi *et al.*, 2011; Cakilcioglua *et al.*, 2011; Silva *et al.*, 2011). É de se esperar que as pessoas mais idosas tenham maior conhecimento sobre plantas, seja pela própria experiência de vida, seja pelo fato de, frequentemente, serem mais acometidas por doenças.

Foram citadas pela comunidade 148 plantas diferentes para fins medicinais. Destas 121 foram identificadas ao nível específico, 17 ao nível do gênero, 2 na categoria da família e 8 não puderam ser identificadas, não sendo incluídas nos resultados (Tabela 1). O número de plantas citadas pela comunidade é bastante elevado sendo comparável a outros trabalhos etnobotânicos (Amoroza e Gély, 1988; Dorigoni, 2001; Garlet e Irgang, 2001; Rodrigues e Carlini, 2003; Estomba *et al.*, 2006; Cakilcioglua *et al.*, 2011; Philander, 2011; Silva *et al.*, 2011).

As plantas distribuem-se por 52 famílias botânicas sendo as de maior representatividade Asteraceae (17,8%) e Lamiaceae (12,2%). Observa-se ainda que a família Fabaceae corresponde a 15,6% do total de espécies identificadas demonstrando a importância das Leguminosas para a comunidade. O uso de representantes destas famílias como medicinal está documentado em levantamentos etnobotânicos realizados em diferentes regiões do mundo (Merzouki *et al.*, 2000; Camejo-Rodrigues *et al.*, 2003; Scherrer *et al.*, 2005; Thring *et al.*, 2006; Camou-Guerrero *et al.*, 2008; Cakilcioglua *et al.*, 2011; Philander, 2011) e também em comunidades quilombolas no Brasil (Shardong e Cervi, 2000; Rodrigues e Carlini, 2006; Pires *et al.*, 2009; Crepaldi e Peixoto, 2010) e pode ser atribuído a grande variedade de substâncias bioativas presentes (Amri e Kisangau, 2012). A região onde está localizada a comunidade da Barra II apresenta uma

vegetação extremamente diversa sendo as famílias Melastomataceae, Asteraceae, Lamiaceae, Euphorbiaceae e Fabaceae, em particular, bem representadas (Bandeira, 1998; Conceição e Pirani,

2007) o que pode justificar o elevado número de espécies citadas para fins medicinais (Weckerle et al., 2011).

Tabela 1

Plantas medicinais citadas pelos informantes da Barra II, Morro do Chapéu, BA. Família / espécie. Nome popular. Parte utilizada (B – Bulbo; F – Folha; Fl – Flor; Fr – Fruto; Inf – Inflorescência; I – Inteira; Pa – Parte Aérea; R – Raiz; S – Semente). Indicação popular. Forma de preparo (D – Decocção; I – Infusão; IN – In Natura ; MA – Macerado Em Água; MC – Macerado Em Álcool; O – Outro; S - Sumo). Forma de uso (Al – Alimento; B – Banho; BO – Bochecho; CH – Chá; C – Cachaça; G – Gargarejo; IN – Inalação; MI – Mingau; O – Outro; S – Sumo; T – Tópico; X – Xarope)

Família/ Nome científico	Nome popular	Parte usada	Indicação popular	Forma de preparo	Forma de uso
Amaryllidaceae					
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	B	Fortificante; Gripe; Pressão; Ameba	D; S; MA	MI; CH; X
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola	B	Evitar derrame; epilepsia; Tosse; gripe; adianta a menstruação; Prisão de ventre; Estômago; garganta; fortificante; limpar os restos do útero	D; MC	CH; X; MI; C
<i>Allium ascalonicum</i> L.	Cebola branca	B	Gripe; tosse; Dor de barriga; Aumentar contração; Para evitar inflamação de mulher parida	D; O; MC	X; CH; B; T; C
Amaranthaceae					
<i>Alternanthera brasiliana</i> Kuntze	Anador/bezetacil	F	Dor de cabeça; febre; inflamação	D; I	CH
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	F; R; I	Pancada; verme; Dor no tórax; Dor de dente; Pereba; Dor de mulher; Inflamação de mulher; gastrite; Gripe	S; D; I	S; T; BO; CH; B
<i>Celosia</i> sp.	Crista do galo	F	Inflamação na urina	I	B
Anacardiaceae					
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju branco	F	Uretra; Comida que faz mal; dor de barriga	I	CH
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga espada	F	Gripe; febre, doença de mulher; Tosse	D	CH; X
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	CS; F	Cicatrizar; Úlcera; Dor de dente; Comida que faz mal; Inflamação de mulher; Dor no tórax;	I; D; MA	B; CH BO;
<i>Spondias purpurea</i> L.	Seriguela	F	Pressão; Disenteria	I; D	CH
Annonaceae					

	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	F; CS; FR	Câncer; diabetes; pressão alta	D; IN	CH; AL
Apiaceae						
	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva doce	F; FR	Comida que faz mal; Gases; disenteria	D; I	CH
Araceae						
	<i>Philodendron</i> sp	Imbí/ imbé	F	Reumatismo	O	
Asteraceae						
	<i>Acanthospermum glabratum</i> (DC.) Wild.	Carrapicho roxo	F; R; I	Dor de estômago; Dor de barriga	I; D	CH
	<i>Achillea millefolium</i> L.	Arcanfor	F	Dor de cabeça; Gripe	MC; IN; I	I; CH
	<i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Macela do campo	F; Fl	Gripe; disenteria	D; I	CH; B
	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Mentrasto	F; I; R	Dor no corpo; Vistas; Rouquidão; Gripe; catarro na cabeça	I; D	B; CH; G
	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Artemijo	F	Olhos; limpar os restos do útero	S; I; MC	S; B; C
	<i>Artemisia</i> sp.	Losna	F	Cólica menstrual; evitar inflamação de mulher parida; Coração; estômago; garganta; fortificante	D; MC; I	B; CH; C; MI
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Carrapicho	S; F	Pressão; dor na uretra; Inflamação nos rins; evitar inflamação de mulher parida; Diabetes	I; D ; MC	CH; B; C
	<i>Chamaecrista cytisoides</i> (Collad) I. & B. <i>var blanchetti</i> (Benth) I. & B.	Rompe gibão	F	Dor na coluna; Inflamação de mulher; Pressão alta; rins	D	CH; B
	<i>Chrysanthemum parthenium</i> (L.) Bernh.	Macela/ macela galega	F; Fl	Dor de barriga (comida); febre; catarro no peito; gripe; cólica menstrual; enjôo; Para mulher quando tem neném/ limpar os restos do útero	D; I; MC	CH; B; C
	<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	S	Evitar derrame/ dor de cabeça	O	CH
	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	F	Ferida	O	T
	<i>Matricaria chamomilla</i> L.	Camomila	F	Insônia	D	CH
	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Aluão	F	Evita disenteria; barriga fofa; comida que faz mal	D; I	CH
	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Quitoco	R; F	Inflamação de mulher parida; Gripe; Inflamação (urina)	D	X; CH
	<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski	Calêndula	Fl; F; I	Dor na uretra; inflamação de mulher; Batida; Dor nas pernas; Cólica menstrual; Dor de estômago	I;D; MC	CH; B; T

	<i>Spondias tuberosa</i> Arr. Cam	Umbú	CS	Inflamação nas vistas; Dor de dente	MA; D	B; BO
	<i>Tagetes paluta</i> L.	Cravo de defunto	Fl	Coqueluche	D	CH
Bignoniaceae						
	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S. Moore	Caraíba	CS	Quebradura, coluna, batida forte, rebentação, cicatrizar, dor na articulação	O	O; T
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Pau d'arco roxo	CS	Câncer; Inflamação de mulher	MA	CH
Bixaceae						
	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	S; F	Desinflamar pancada; Cólica menstrual; dores de ovário	MA; I	CH
Boraginaceae						
	<i>Cordia</i> sp.	Moleque duro	F	Para o menino caminhar	I	B
	<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	F	Câncer	I	CH
Brassicaceae						
	<i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	Agrião	F	Tosse; Catarro no peito; Gripe	D; IN; O	X; AL; CH
	<i>Lepidium ruderales</i> L.	Morfina	F	Para a memória	I	B
Bromeliaceae						
	<i>Ananas sativum</i> L.	Abacaxi	CS	Colesterol	D; S	CH; AL
Cactaceae						
	<i>Melocactus bahiensis</i> (Britton et Rose) Luetzelb.	Cabeça de frade	I	Rins, coluna	X	AL
	<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	Palma	O	Dor de cabeça	O	I
Caprifoliaceae						
	<i>Sambucus racemosa</i> L.	Sabugueiro	Fl/F	Febre, gripe, tosse	D; I	CH; X
Caricaceae						
	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	FR; O	Ameba; Gripe; catarro no peito; pressão; Verme; Diabetes	MA; O; IN	X; AL
Celastraceae						
	<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Pau - de - colher	CS	Gripe	MC; D	CH; C
Commelinaceae						
	<i>Commelina nudiflora</i> L.	Marianinha	F	Para as vistas	S	O
Convolvulaceae						
	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Poir.	Batata doce	F	Dor de dente	D	BO
	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Farwel.	Purga de batata	C	Verme ; Hemorróidas	D	CH
Crassulaceae						
	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Folha da costa	F	Inflamação; pancada	D; O	CH; T
	<i>Sedum dendroideum</i> Moç. & Sessé ex DC.	Bálsamo	F	inflamação ou dor olho	S	T
Cucurbitaceae						
	<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	S	Vermes	I	CH
	<i>Momordica charantia</i> L.	São caetano	F	Inflamação de mulher; Dor nas pernas	D	B
	<i>Sechium edule</i> (Jacq) Sw	Chuchu	F	Abaixar a pressão	D; I	CH

Dioscoriaceae

Dioscorea villosa L. Inhame R Afrodisiáco D CH; X

Erythroxylaceae

Erythroxylum vacciniifolium Mart. Catuaba CS Afrodisiáco O C

Euphorbiaceae

Croton antisyphiliticus Mart.. Enxerto de passarinho CS Dor de dente D BO

Croton campestris A. St. Hil. Velame F Derrame; Vistas; Ferida na boca D; O CH; B; T

Dalechampia sp. Urtiga R Dor de dente D BO

Jatropha gossypifolia L. Pinhão roxo F Alergia a carne de porco O AL

Phyllanthus flaviflorus (K.Schum. & Lauterb.) Airy Shaw Quebra pedra I; PA Dor nos rins; Inflamação de mulher; Pressão D; I CH

Ricinus comunis L. Mamona Ó Aumentar contração O MS

Fabaceae

Abarema cochliacarpos (Gomes) Barneby & J.W. Grimes Barbatimão CS Desinflamar mulher parida; Inflamação; Cicatrizar ferida; Úlcera MA; MC; D C; B; CH

Amburana cearensis (Allem.) A.C. Smith Imburana/emburana/umburana CS;F S Estômago; inflamação; Cólica menstrual D; I CH

Anadenanthera colubrina (Vell.) Brenan Angico CS Gripe; catarro D X

Caesalpinia pyramidalis Tul. Catinga de porco/pau de rato/manevintura F Ameba; Comida que faz mal; estômago D; I CH

Cajanus cajans (L.) Millsp. Andú branco Fl; F Gripe; tosse; sinusite D; O X; I

Copaifera lucens Dwyer Copaiba/ pau de óleo Ó Derrame; Vistas; Garganta; Cicatrizar ferida O O; T

Erythrina sp. Mulungú CS Dor de dente D BO

Hymenaea stigonocarpa var. *pubescens* Jatobá CS Fígado, rins; Gripe D; I; MC CH; C

Libidibia ferrea (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz Pau - ferro CS Gripe MC; D CH; C

Mimosa sp. Jurema CS Dor de dente D BO

Peltophorum sp. Farinha seca C Disenteria I CH

Periandra mediterraneae Taub Arcaçus R Gripe D; IN; MC CH; C; M

Senna occidentalis (L.) Link Fedegoso F; R; Fl Gripe; Inflamação ou dores depois do parto; Derrame de bile; dente de criança I; D X; CH

Tephrosia pupurea (L.) Pers. Sena F Tirar catarro I CH

Lamiaceae

Mentha gentilis L. Alevante miúdo F Pressão I CH

Mentha viridis L. Hortelã miúdo F Ameba; Aumenta menstruação; Útero; estômago; garganta; fortificante; Gripe; Verme; dormir S; D ;O S; CH; MI; X

<i>Mentha pulegium</i> L.	Peijo (poeijo)	F	Dor de barriga; frieira; Gripe; tosse; limpar os restos do útero; estômago; garganta; fortificante	D; O; I; MC	T; CH; X; C; MI
<i>Ocimum</i> sp.	Basilicão	F	Gripe	D	CH
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão	F	Calmanete; pressão; Gripe; tosse	I; D	X; CH
<i>Ocimum selloi</i> Benth. (Lam.)	Alfavaca	I; F	Gripe	D/ I	CH
<i>Plectranthus amboinicus</i> Lour.	Hortelã grosso/ graúdo	F	Aumenta menstruação; Disenteria; Dor de estômago; Inflamação de mulher; corrimento	S; D	CH
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo/ sete dores	F	Disenteria, comida que faz mal; Cólica menstrual	I; D	CH
<i>Plectranthus ornatus</i> Codd.	Boldo de quintal	F	Estômago; rins; Dor de cabeça de comida; Febre; Disenteria	S; I; D	S; CH
<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim de quintal	I; F	Sinusite; nervoso; Gripe, garganta inflamada	O; D; I	IN; CH; G
<i>Salvia officinalis</i> L.	Salva	F	Inflamação nas vistas; gripe; dor de cabeça; Dor no corpo	I; D	CH; B
Lauraceae					
<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	CS	Tosse, gripe; Útero; estômago; garganta; fortificante; Para evitar inflamação de mulher parida	O; D; MC	AL; MI; C
<i>Persea americana</i> Mill (CV)	Abacate	F; S	Rins	D; MA	CH
Liliaceae					
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Babosa	F	Câncer; Derrame; Verme; Quentura	S; D	C; S; O; B
<i>Nothoscordum</i> sp.	Alho bravo	R	Reumatismo	MA; MC; D	CH; C; T; B
Malvaceae					
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	F; Fr	Gripe; chiadeira; tosse; dor; Inflamação de mulher; Pancada	S; D	S; X; CH; B
<i>Sida cordifolia</i> L.	Malva - branca	F; R	Dor de barriga; frieira; constipação	D; O	CH; T
<i>Sidastrum micranthum</i> (A.St.-Hil.) Fryxell	Malva - preta/ malva de sebo	R	Pressão	D	CH
Moraceae					
<i>Dorstenia</i> sp.	Carapuá/ carapiá	R	Dor; Gripe; dor de dente	I; D; O	CH; O
<i>Ficus carica</i> L.	Figo	F	Pressão	D	CH
Musaceae					

	<i>Musa x sapientum</i> L.	Banana	INF	Tosse; Pressão; Gripe	D; O	X
Myristicaceae						
	<i>Myristica fragans</i> L.	Noz moscada/ manuscada	S	Cólica menstrual; derrame; Útero; estômago; garganta; fortificante	I; MC; D	CH; C; MI
Myrtaceae						
	<i>Eucalyptus globulus</i> L.	Eucalipto	F; S	Febre; gripe; Sinusite; Catarro no peito	D; I	CH; B; IN; X
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	F	Ameba; Febre; Gripe; tosse	D	CH; X
	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	F; Fr	Bronquite; gripe; Gripe	I; D; S	CH; O
	<i>Myrciaria cauliflora</i> (C. Martius) O. Berg	Jabuticaba	CS	Disenteria	D	CH
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiabeira	CS; F	Dor de barriga ; inflamação de mulher parida	D	CH; B
	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araçá	F	Dor de cabeça; Disenteria	IN; D	IN; CH
	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Nerril.	Cravo da índia	Fl	Tosse, gripe, coqueluche	D	X
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Janelão/jamelão	F; Fr	Colesterol; Pressão alta; Úlcera; diabetes; Coração; Inflamação de mulher	D; I; IN	AL; CH
Nyctaginaceae						
	<i>Boerhaavia coccinea</i> Willd.	Pega pinto	I	Para evitar inflamação de mulher parida	MC	C
Orchidaceae						
	<i>Vanilla</i> sp.	Baunilha	F	Baixar a pressão	D	CH
Papaveraceae						
	<i>Argemone mexicana</i> L.	Carro santo	F	Derrame/ epilepsia	I	CH; B
Passifloraceae						
	<i>Passiflora cincinnata</i> Mart	Maracujá do mato	Fl; FR; R	Dormir (flor); pressão; calmante; quentura; hemorróidas	I; S; D	CH; AL
	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Fl; F	Pressão	I	CH
Pedaliaceae						
	<i>Sesamum orientale</i> L.	Gergelin	S	Dor na articulação	O	T
Piperaceae						
	<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	S	Fortificante	D	MI
Plantaginaceae						
	<i>Plantago major</i> L.	Trançagem	F; R; I	Inflamação de urina; Garganta inflamada; Dor de dente; Inflamação de mulher; Para evitar inflamação de mulher parida	D; I; IN; MC	BO; B; CH; AL; C
Poaceae						
	<i>Bambusa arundinacea</i> Retz	Bambu	Fl; F	Dor de rins; Dor de coluna; Fígado; Dor de dente	D; S	CH; BO
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-santo	F; R	Calmante; diabetes; pressão alta; gripe; Pressão; fazer urinar	O; D; I	X; CH

	<i>Digitaria insularis</i> (L.) Fedde	Capim açú	F	Dor de cabeça; cicatrizar; Dor de estômago	D; I; S	CH; B; O
	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana caiana	F	Para pressão alta	D; I	CH
	<i>Zea mays</i> L.	Milho	F	Dor de dente	O	O
	INDET	Capim lanceta	PA	Sangue grosso	D	CH
	INDET	Capim nagô	INF; PA	Tosse, gripe; calmante	D; I	CH; B
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Fr	Garganta inflamada	D	G
Rosaceae	<i>Rosa</i> sp.	Rosa branca ou branca de neve	Fl	Coração	I	CH
Rubiaceae	<i>Coffea</i> sp.	Café	S	Derrame	D	B
	<i>Coutareae hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	Quina	CS	Abortiva; Dor de barriga; Rins; fígado	D; MC; IN;	CH; C
	<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K. Schum.	Gemedeira	R	Dor	I	CH
Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	F	Calmante; pressão alta; Febre; Gripe	D; O	CH; X
	<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	Fr; F	Colesterol; pressão alta; Gripe; Afinar o sangue; Ferida de pele	S; D; I	CH; AL; B
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	F	Aumentar contração; Catarro no peito; Gripe; limpar os restos do útero; Garganta; Fortificante	O; D; MC	T; X; CH; C; BO; MI
Smilacaceae	<i>Smilax hilariana</i> DC.	Jacaré/ catana de jacaré	R	Barriga fofa; comida que faz mal; disenteria; enjôo; dor de coluna; pressão	MA; D; I; IN	CH
Solanaceae	<i>Capsicum</i> sp.	Pimenta	Fr; F	Dor de dente	O; D	T; BO
	<i>Solanum</i> sp.	Cassutinga	CS; F	Para provocar vômito; comida que faz mal	D; I	CH
	<i>Solanum ambrosiacum</i> Vell.	Melancia da praia	I; R	Pneumonia; Gripe; tosse; Quentura; corrimento; dor de urinar	D	X; CH
	<i>Solanum erianthum</i> D. Don	Caiçara	Raiz	Diarréia; Vermes; Quentura; corrimento	D	CH; B
Sterculiaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	CS	Queda de cabelo	MA	O
	<i>Helicteres macropetala</i> St. Hil.	Rosca	Fr	cólica de criança	D	CH
Tiliaceae	<i>Luehea grandiflora</i> Mart et Zecc	Cedro	CS	Derrame	D	CH
Verbenaceae	<i>Aloysia lycioides</i> Cham.	Alfazema	I; F	Inflamação de urina; Gripe; calmante	D; I	CH; B

	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br	Erva cidreira	F	Comida que faz mal; Disenteria; Barriga fofa; Dor de cabeça; Pressão; calmante; diabetes; acalmar	D; I; IN	CH; AL
	<i>Lippia gracillis</i> H.B.K.	Alecrim de vaqueiro	F	Pressão; gripe	D; I	CH
Violaceae						
	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Papaconha	R	Derrame, ameba, purgante	D	CH
Vitaceae						
	<i>Vitis aestivalis</i> (Bailey) B.L.Comeaux	Uva	F	Diminui a menstruação	D	CH
Zingiberaceae						
	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R. M. Sm	Alevante vermelho	R	Nervoso; pressão	I	CH

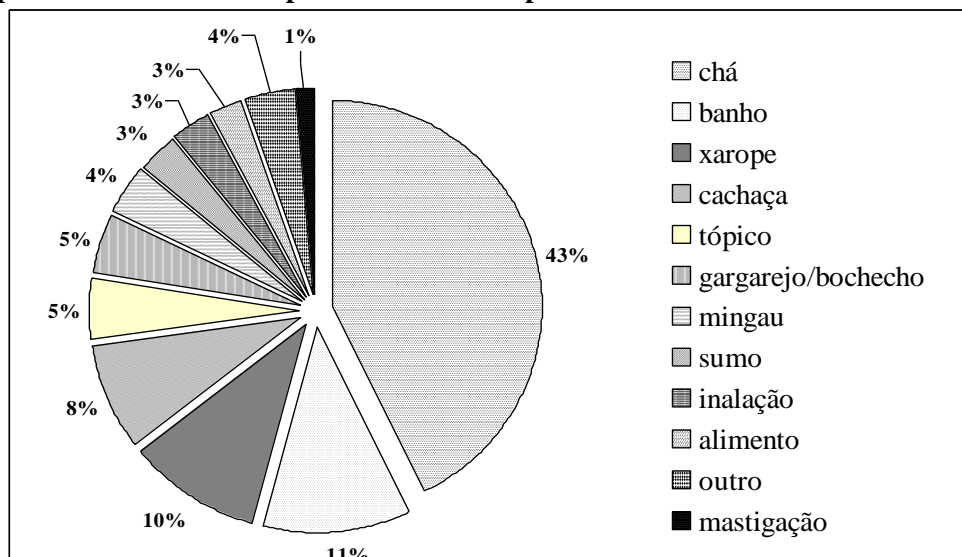
A opção pelo uso de folhas nas preparações medicinais da Barra II é responsável por 45,4% das citações, seguida pelo uso de cascas/ caule (12,1%), raízes (11,6%), sementes (8,2%), flor e planta inteira (ambas com 7,2%) e frutos (4,3%). As folhas também são a parte vegetal mais utilizada por outras comunidades (Garlet e Irgang, 2001; Di Stasi *et al.*, 2003; Camejo-Rodrigues *et al.*, 2003; Pinheiro e Monteles, 2007; Crepaldi e Peixoto, 2010; Nadembega *et al.*, 2011; Philander, 2011; York *et al.*, 2011; Amri e Kisangau, 2012). A prevalência de uso de determinadas partes vegetais pode ser entendida como um reflexo do hábito das famílias mais citadas, geralmente espécies de porte herbáceo ou subarborescente, no máximo arbustivo. Além disto, supõe-se maior facilidade na obtenção de folhas comparada às outras partes vegetais, principalmente flores e frutos.

Apesar de a comunidade utilizar principalmente as folhas no preparo dos remédios caseiros, estes são obtidos principalmente por meio da decocção (45,5%) e da infusão, com 22,4% das citações. Infusão e decocção estão entre as formas de preparo mais comuns em muitos levantamentos etnofarmacológicos onde as folhas são a parte mais utilizada (Garlet e Irgang, 2001; Camejo-Rodrigues *et*

al., 2003; Pinheiro e Monteles, 2007; Rodrigues, 2007; Cakilcioglu *et al.*, 2011; Nadembega *et al.*, 2011; Philander, 2011; York *et al.*, 2011; Amri e Kisangau, 2012). A cultura popular muitas vezes faz referência ao “chá forte”, “bem verdinho” como um indicativo de que desta forma o “chá faz efeito”. Há a crença de que o chá para ser bom tem que deixar a planta ferver bem, tem que ter cor e cheiro. Esta pode ser uma justificativa para o uso predominante da decocção. Dorigoni *et al.* (2001) afirmam que a população urbana de São João do Polêsine (RS) mesmo tendo acesso a fontes de informação correta usa infusões para algumas raízes e decocções para partes tenras.

Os chás são a forma de administração mais usada pela comunidade, com 43% das citações (Figura 2), dados semelhantes aos encontrados em outros levantamentos etnobotânicos (Rodrigues, 2007; Bruschi *et al.*, 2011; Philander, 2011; York *et al.*, 2011; Amri e Kisangau, 2012). O preparo dos remédios com água, através da decocção ou infusão, e sua administração na forma de chá fazem destes uma forma de tratamento barata, rápida e de fácil acesso (Merzouki, 2000). Essa combinação de fatores justifica seu amplo uso popular registrado tanto na Barra II como em outros levantamentos etnobotânicos.

Figura 2
Principais formas de uso das plantas medicinais pelos membros da comunidade da Barra II.



A utilização de banhos como forma de administração da preparação caseira é a segunda mais citada na comunidade (11%). Provavelmente esta preferência pelos banhos tem relação com a cultura africana do uso de banhos de folhas nos processos de cura. O uso de banhos com ervas é popular em muitas comunidades da África do Sul para fins espirituais e contra a febre (Phillander, 2011) e também utilizados em comunidades de afrodescendentes no Brasil (Amorozo e Gélly, 1988; Rodrigues e Carlini, 2003). Esta tradição pode ser observada também dentre os adeptos das religiões de matriz africana como o candomblé (Pires et al., 2009). Os banhos de purificação, de axé, fazem uma ponte entre o místico e o médico, onde muitas das plantas usadas apresentam propriedades medicinais diversas, atuando através dos óleos essenciais que, quando liberados durante os banhos, podem ser inalados.

Os problemas de saúde tratados com as plantas medicinais citadas neste trabalho foram agrupados em 14 categorias de doenças segundo a CID. As categorias mais citadas estão relacionadas às patologias do sistema digestivo (36,5%), sistema respiratório (32,4%) e dos sistemas circulatório e geniturinário (ambas com 25,7%). As doenças relacionadas ao sistema digestivo e respiratório aparecem como as mais comuns em algumas comunidades no Brasil, do continente Africano e em outras regiões do mundo (Amorozo e Gély, 1988; Merzouki et al., 2000; Di Stasi et al., 2003; El-Hilaly

et al., 2003; Scherrer et al., 2005; Estomba et al., 2006; Bruschi et al., 2011; Phillander, 2011; Amri e Kisangau, 2012).

Dentre as doenças/ sintomas relacionadas ao sistema digestivo destacam-se a dor de barriga, para qual é utilizada *L. alba*, os problemas digestivos, tratados com *S. hilariana* e *Amburana cearensis* (Allem.) A.C. Smith, além da dor de dente controlada com *Chenopodium ambrosioides* L.

A utilização da *L. alba* para dor de barriga está amplamente descrita na literatura popular de várias regiões (Pascual et al., 2001; Lorenzi e Matos, 2008; Di Stasi e Hiruma-Lima, 2002; Silva et al., 2011). Geralmente, seu óleo essencial com componentes majoritários limoneno, β -cariofileno, p-cimeno, cânfora, linalol e timol, além de compostos fenólicos (flavonóides), justifica suas propriedades medicinais (Pascual et al., 2001). O uso de espécies do gênero *Smilax*, tem sido empregado em muitos países para diversos fins medicinais entre os quais os problemas digestivos (Lorenzi e Matos, 2008). Estudos em seres humanos registram aumento de apetite, melhora da digestão e efeito diurético (Newall, 2002). A presença de cumarinas e taninos, bem como comprovada ação espasmolítica e relaxante de musculatura lisa podem justificar o emprego da *A. cearensis* no tratamento de afecções do sistema digestivo (Leal, 2003). O uso das folhas do *C. ambrosioides* para dor de dentes é uma indicação particular da Barra II. No entanto, há relato do efeito analgésico da infusão das sementes de *C.*

ambrosioides na medicina tradicional do Distrito Ksar Lakbir, Marrocos (Merzouki *et al.*, 2000).

As doenças do sistema respiratório mais recorrentes são gripe ou resfriado e catarro no peito sendo predominante o uso de espécies da família Lamiaceae. As plantas mais citadas para tratar estas doenças são *Ruta graveolens* L. e *Mentha pulegium* L. O uso da *R. graveolens* (arruda) como expectorante está descrito em outros levantamentos etnofarmacológicos (Di Stasi e Hiruma-Lima, 2002; Pollio *et al.*, 2008; Philander, 2011). Estas indicações terapêuticas justificam-se pela presença de cumarinas embora sua administração deva ser muito criteriosa pois apresenta propriedades tóxicas podendo causar vômitos, contração das pupilas, convulsões e sonolência (Di Stasi e Himura-Lima, 2002). *M. pulegium* possui propriedades antiespasmódicas, carminativas e emenagogas e por isso utilizada em casos de resfriado comum (Newall, 2002).

A espécie mais utilizada pelos moradores é a erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E. Br), citada por 64% dos entrevistados. Outras espécies com uso significativo, recebendo 50% ou mais das citações são a catana de jacaré (*Smilax hilariana* DC.) e Capim Santo (*Cymbopogon citratus* Stapf.), ambas com 56%, e o Barbatimão (*Abarema cochliacarpus* (Gomes) Barneby & Gomes) com 52% (Figura 3).

Nesse estudo, 8 espécies apresentaram um alto consenso de informações, de acordo com fator de

Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc), o que pode implicar maior eficácia quanto ao uso (Tabela 2). O uso principal das três espécies com maior valor de CUPc (50%) apresentam comprovação científica relatada na literatura. Assim, o uso de *C. citratus* para “pressão alta”, de *R. graveolens* para “catarro no peito” e de *S. hilariana* como “digestivo” foram descritos pelos trabalhos de Carbajal *et al.*, 1989, Pollio *et al.*, 2008 e Newall, 2002, respectivamente. Observa-se que dentre as espécies com elevado valor de CUPc, três não estão entre as mais citadas pela comunidade (*M. urundeuva*, *Sacharum* sp., *M. pulegium*) enquanto outras três que foram muito citadas (Figura 2) não possuem alto valor de CUPc (*L. alba*, *C. ambrosioides*, *C. parthenium*). O fator CUPc aponta os usos mais difundidos e aceitos para uma espécie, já que são utilizados e reconhecidos pelos informantes, o que poderia evidenciar maior segurança quanto à sua validade (Vendruscolo e Mentz, 2006). Assim, este fator tem sido utilizado para indicar quais plantas devem ter prioridade de estudos, ou seja, direcionar os estudos para bioprospecção (Thring e Weitz, 2006). As espécies com valor de CUPc próximo de 50% apresentam um apreciável consenso de uso popular, o que pode indicar potencial medicinal, funcionando como uma pré-triagem de espécies para estudos de bioprospecção (Silva e Proença, 2008).

Figura 3

Espécies vegetais utilizadas para fins medicinais mais citadas pela comunidade da Barra II.

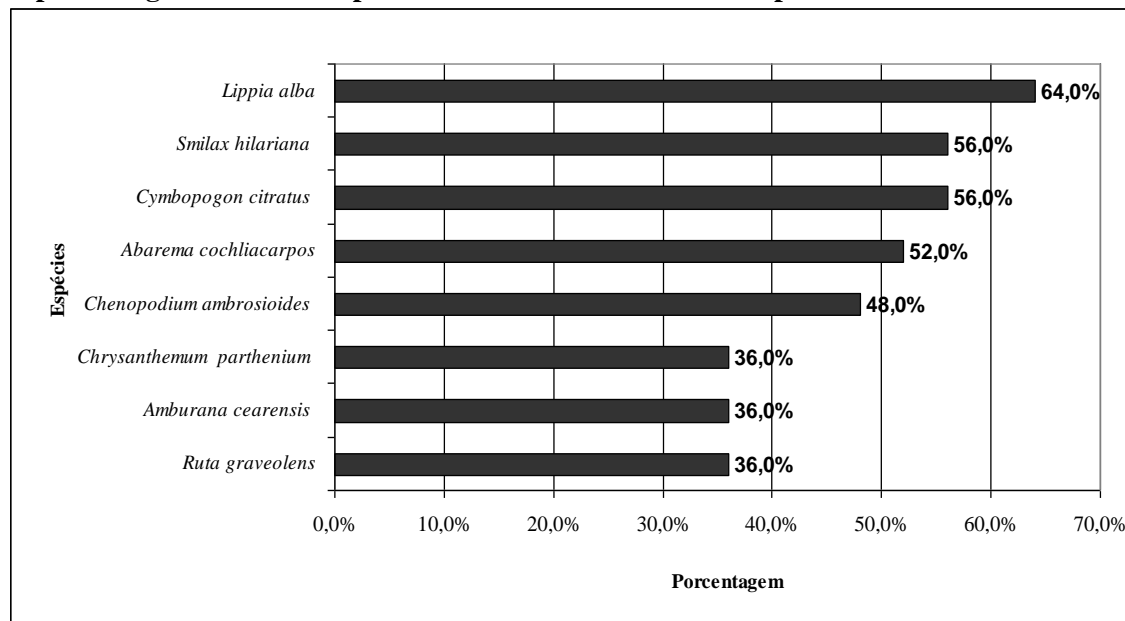


Tabela 2
Principais espécies medicinais utilizadas pela comunidade da Barra II segundo o valor (%) da Concordância de Uso Principal corrigido (CUPc) .

Espécie	Uso principal	CUP (%)	CUPc (%)
<i>Cymbopogon citratus</i>	Pressão alta	92,9	81,3
<i>Ruta graveolens</i>	Catarro no peito	88,9	50,0
<i>Smilax hilariana</i>	Digestivo	57,1	50,0
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Inflamação de mulher	87,5	43,8
<i>Abarema cochliacarpos</i>	Cicatrizante/ inflamação de mulher	53,8	43,8
<i>Saccharum sp</i>	Pressão alta	100,0	43,8
<i>Amburana cearensis</i>	Digestivo	77,8	43,8
<i>Mentha pulegium</i>	Gripe	87,5	43,8

CONCLUSÕES

O uso de um elevado número de plantas, bem como as suas várias aplicações, evidencia a crença das comunidades nesses recursos vegetais como alternativa para o tratamento das doenças mais comuns dos grupos, frente a um deficiente sistema de saúde pública. A comunidade demonstrou possuir um amplo conhecimento sobre plantas com fins medicinais, citando mais de 140 espécies. Este conhecimento é maior entre as pessoas com idade superior a 60 anos e entre 45 e 59 anos. Os mais jovens conhecem menos da metade do número de plantas citadas pelos entrevistados mais velhos. Este acúmulo gradativo de conhecimento pode ser observado também em outras comunidades de matriz africana, como os terreiros de candomblé, onde o segredo das folhas é passado aos iniciados gradativamente, exigindo anos de aprendizagem e convivência. As famílias botânicas mais representativas neste trabalho correspondem àquelas abundantes na região sendo também muito representativas em várias partes do mundo, conforme comprovação em outros trabalhos. A influência da ancestralidade africana pode ser observada pela elevada prevalência do uso de banhos como forma de uso das preparações tradicionais. A prevalência de indicações de plantas para tratar problemas relacionados ao sistema digestivo pode ser entendida como um reflexo das condições sanitárias nas quais a comunidade se encontra. Além disso, o uso de lenha nos fogões na interior das residências pode contribuir para a elevada citação plantas para tratar doenças do sistema respiratório.

As informações sobre as espécies utilizadas como medicinais e sua importância para a comunidade quilombola da Barra II são relevantes para futuros projetos de prospecção do potencial medicinal e de conservação dessas plantas, podendo ainda fornecer informações relevantes que contribuam para implantação de programas de saúde adaptados à realidade cultural dos quilombolas, valorizando e respeitando o do saber tradicional.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem a toda comunidade da Barra II pela convivência, carinho e lições aprendidas. Em especial aos informantes, que dispuseram seu tempo e seu conhecimento para que este pudesse ser registrado neste trabalho. Ao Dr. Humberto Ribeiro, médico de Morro do Chapéu e professor da UFBA, que colaborou na interpretação dos sinais e sintomas citados. Ao CNPq pelo suporte financeiro.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque UP, Lucena RFP, Cunha LVFCC. 2008. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Editora Comunigraf/ NUPEEA, Recife, Brasil.
- Almeida MZ. 2011. **Plantas Medicinais e Ritualísticas**. 3ª ed. EDUFBA, Salvador, Brasil.
- Amorozo MCM, Gély A. 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Bol Mus Par Emílio Goeldi Sér Bot** 4: 47 - 131.

- Amri E, Kisangau DP. 2012. Ethnomedicinal study of plants used in villages around Kimboza forest reserve in Morogoro, Tanzânia. **J Ethnobiol Ethnomed** 8: 1 - 9.
- Bandeira RLS. 1998. Chapada Diamantina, história, riquezas e encantos. 3ª ed. Editora Onavlis, Salvador, Brasil.
- Barroso RM, Reis A, Hanazaki N. 2010. Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (*Euterpe edulis* Martius) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo. **Acta Bot Bras** 24: 518 - 528.
- Brasil. 2001. Medida provisória Nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001. **Dispões sobre o acesso ao patrimônio genético, à proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado, a repartição de benefícios e o acesso à tecnologia e transferência de tecnologia para sua conservação e utilização, e dá outras providências.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília DF, Brasil.
- Brasil. 2003. Decreto Nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. **Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília DF, Brasil.
- Brasil. 2006a. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS.** Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica, Ministério da Saúde, Brasília, Brasil.
- Brasil. 2006b. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos. Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, Brasília, Brasil
- Bruschi P, Morganti M, Mancini M, Signorini MA. 2011. Traditional healers and laypeople: A qualitative and quantitative approach to local knowledge on medicinal plants in Muda (Mozambique). **J Ethnopharmacol** 138: 543 - 563.
- Cakilcioglu U, Khatunb S, Turkoglu I, Haytad S. 2011. Ethnopharmacological survey of medicinal plants in Maden (Elazig-Turkey). **J Ethnopharmacol** 137: 469 - 486.
- Camejo-Rrodrigues J, Ascensao L, Bonet MA, Valles J. 2003. An ethnobotanical study of medicinal and aromatic plants in the Natural Park of “Serra de São Mamede” (Portugal). **J Ethnopharmacol** 89: 199 - 209.
- Camou-Guerrero A, Reyes-García V, Martínez-Ramos M, Casas A. 2008. Knowledge and Use Value of Plant Species in a Rarámuri Community: A Gender Perspective for Conservation. **Hum Ecol** 36: 259 - 272.
- Carbajau D, Casaco A, Arrauzabala L, Gonzales R, Tolon Z. 1989. Pharmacological study of *Cymbopogon citratus* leaves. **J Ethnopharmacol** 25: 103 - 107.
- Conceição AA, Pirani JR. 2007. Diversidade em quatro áreas de campos rupestres na Chapada Diamantina, Bahia, Brasil: espécies distintas, mas riquezas similares. **Rodriguésia** 58: 193 - 206.
- Costa e Silva A. 1994. O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX. **Estudos avançados** 8: 21 - 42.
- Crepaldi MOS, Peixoto AL. 2010. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodivers Conserv** 19: 37 - 60.
- Di Stasi LC, Oliveira GP, Carvalhaes MA, Queiroz-Junior M, Tien OS, Kakinami SH, Reis MS. 2003. Medicinal Plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia** 73: 69 - 91.
- Di Stasi LC, Hiruma-Lima CA. 2002. **Plantas Mediciniais na Amazônia e na Mata Atlântica.** 2ª ed. rev. e ampl. Editora UNESP, São Paulo, Brasil.
- Dorigoni PA, Ghedini PC, Fróes LF, Baptista KC, Ethur ABM, Baldisserotto B, Bürger ME, Almeida CE, Lopes AM, Záchia RA. 2001. Levantamento de dados sobre plantas medicinais de uso popular no município de São João do Polêsine, RS, Brasil. I – Relação entre enfermidades e espécies utilizadas. **Rev Bras Plant Med** 4: 69 - 79.
- Edwards S, Nebel S, Heinrich M. 2005. Questionnaire surveys: Methodological and epistemological problems for field-based ethnopharmacologists. **J Ethnopharmacol** 100: 30 - 36.
- El-Hilaly J, Hmammouchi M, Lyoussi B. 2003. Ethnobotanical studies and economic

- evaluation of medicinal plants in Taounate province (Northern Marocco). **J Ethnopharmacol** 86: 149 - 158.
- Estomba D, Ladio A, Lozada M. 2006. Medicinal wild plant knowledge and gathering patterns in a Mapuche community from North-western Patagonia. **J Ethnopharmacol** 103:109 - 119.
- Freyre, G. 2003. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal**. 47. ed. rev. Global, São Paulo, Brasil.
- Garlet TM, Irgang BE. 2001. Plantas medicinais utilizadas na medicina popular por mulheres trabalhadoras rurais de Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev Bras Plant Med** 4: 9 - 18.
- Howard PL. 2003. **Women & Plants. Gender Relations in Biodiversity Management & Conservation**. Zed Books Ltd., London, UK.
- Köppen W. 1936. **Das geographische system der klimatologie**. Editora Borntrager, Berlim, Deutschland.
- Lorenzi H, Matos FJA. 2008. **Plantas Mediciniais do Brasil: nativas e exóticas cultivadas**. 2ª ed. Instituto Plantarum, Nova Odessa, Brasil.
- Martins RC, Filgueiras TS, Albuquerque UP. 2012. Ethnobotany of *Mautitia flexuosa* (Arecaceae) in a Maroon community in central Brazil. **Econ Bot** 66: 91 - 98.
- Merzouki A, Ed-Derfoufi F, Mesa JM. 2000. Contribution to the knowledge of Rifian traditional medicine. II: Folk medicine in Ksar Lakbir district (NW Marocco). **Fitoterapia** 71: 178 - 307.
- Nadembega P, Boussim JI, Nikiema JB, Poli F, Antognoni F. 2011. Medicinal plants in Baskoure, Kourittenga Province, Burkina Faso: An ethnobotanical study. **J Ethnopharmacol** 133: 378 - 395.
- Negri G, Rodrigues E. 2010. Essential oils found in the smoke of “tira-capeta”, a cigarette used by some quilombolas living in pantanal wetlands of Brazil. **Rev Bras Farmacogn** 20: 310 - 316.
- Neves MCM. 2001. **Plantas medicinais: diagnóstico e gestão**. Série meio ambiente em debate Nº 35, Ed. Ibama, Brasília, Brasil.
- Newall AC, Anderson LA, Phillipson JD. 2002. **Plantas Mediciniais: guia para Profissional de saúde**. São Paulo: Editorial Premier. São Paulo, Brasil.
- Oliveira DR, Costa Alma, Leitao GG, Castro NG, Santos JP, Leitao SG. 2011. Estudo etnofarmacognóstico da saracuramirá (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), uma planta medicinal usada por comunidades quilombolas do Município de Oriximiná-PA, Brasil. **Acta Amaz** 41: 383 - 392.
- Pascual ME, Carretero ESK, Sánchez-Mata D, Villar A 2001. *Lippia*: traditional uses, chemistry and pharmacology: a review. **J Ethnopharmacol** 76: 201 - 214.
- Philander LA. 2011. An ethnobotany of Western Cape Rasta bush medicine. **J Ethnopharmacol** 138: 578 - 594.
- Pinheiro CUB, Monteles R. 2007. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Rev Biol Ciên Terra** 7: 38 – 48.
- Pires MV, Abreu PP, Soares CS, Souza B, Mariano D, Costa Silva D, Rocha EA. 2009. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Rev Bras Bioci** 7: 3 - 8.
- Pollio A, De Natale A, Appetiti E, Aliotta G, Touwaide A. 2008. Continuity and change in the Mediterranean medical tradition: *Ruta* spp. (Rutaceae) in Hippocratic medicine and present practices. **J Ethnopharmacol** 116: 469 - 482.
- Rocha AJD, Costa IVG. 1995. **Projeto mapas municipais do município de Morro do Chapéu**. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. Salvador, Brasil.
- Rodrigues E. 2007. Plants of restricted use indicated by three cultures in Brazil (Caboclo-river dweller, Indian and Quilombola). **J Ethnopharmacol** 111: 295 - 302.
- Rodrigues E, Carlini ELA. 2003. Levantamento etnofarmacológico realizado entre um grupo de quilombolas do Brasil. **Arq Bras Fitomed Cient** 1: 80 - 87.
- Rodrigues E, Carlini ELA. 2006. A comparison of plants utilized in ritual healing by two Brazilian cultures: Quilombolas and Indians. **J Psychoactive Drugs** 38: 285 - 295.
- Schardong RMF, Cervi AC. 2000. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biol Par** 29: 187 - 217.

- Scherrer AM, Motti R, Weckerle CS. 2005. Traditional plant used in the areas of Monte Vesole and Ascea, Cilento National Park (Campania, Southern Italy). **J Ethnopharmacol** 97: 129 - 143.
- SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial). 2011. **Comunidades Quilombolas Brasileiras - Regularização Fundiária e Políticas Públicas**. Brasília, Brasil.
- Silva CSP, Proença CEB. 2008. Uso e disponibilidade de recursos medicinais no município de Ouro Verde de Goiás, GO, Brasil. **Acta Bot Brás** 22: 481 - 492.
- Silva FS, Ramos MA, Hanazaki N, Albuquerque UP. 2011. Dynamics of traditional knowledge of medicinal plants in a rural community in the Brazilian semi-arid region. **Braz J Pharmacognosy** 21: 382 - 391.
- Thring TSA, Weitz FM. 2006. Medicinal plant use in the bredasdorp/ Elim region of the Southern Overberg in the Western Cape Province of South Africa. **J Ethnopharmacol** 103: 261 - 275.
- Vendruscolo GS, Mentz LA. 2006. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. **Acta Bot Bras** 20: 367 - 382.
- Voeks RA, Leony A. 2004. Forgetting the Forest: assessing medicinal plant erosion in Eastern Brazil. **Econ Bot** 58: 294 - 306.
- Waller DP. 1993. Methods in ethnopharmacology. **J Ethnopharmacol** 38: 189 - 195.
- WHO. 2003. **Guidelines on Good Agricultural and Collection Practices (GACP) for Medicinal Plants**. WHO, Geneva, Suíça.
- WHO. 2007. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. 10 Ed., Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.
- Weckerle CA, Cabras S, Castellanos ME, Leonti M. 2011. Quantitative methods in ethnobotany and ethnopharmacology: Considering the overall flora. Hypothesis testing for over- and underused plant families with the Bayesian approach. **J Ethnopharmacol** 137: 837 - 843.
- York T, Dewet H, Van Vuuren SF. 2011. Plants used for treating respiratory infections in rural Maputaland, KwaZulu-Natal, South África. **J Ethnopharmacol** 135: 696 - 710.